

TROVADOR CONTEMPORÂNEO

Janaína

Janainafp.jf@gmail.com

Capital normal

Não está acontecendo nada
e nada está acontecendo.

Despertar é apenas o último segundo de expectativa de mudança
dessa rotina combinada de impotência e necessidade de sobrevivência
apesar de tudo que,
inegavelmente,
tem sido.

A dúvida sobre o real valor que possuímos
como habitantes do globo
revisita meu coração minuto a minuto
ao percorrer cada esquina em que as pessoas é que se dobram
em reverência ao mal estar que se pretende absoluto.

Ser feliz com a falta crescente
tem sido desafio de tanta gente
E o avanço da falta parece apontar para o infinito.
Mas nas ruas o profundo caos
se apresenta como orquestrado

o protesto como um luxo
dos não acorrentados
a indignação como possível ideia oculta
nas reflexões de quem segue a vida.

Os passageiros ainda se apertam nos coletivos urbanos
e os bem-assalariados ainda se sentem mais humanos
do que o miserável desajeitado sobre as calçadas centrais
O velho grito dos que julgam que não aguentam mais
ainda segue sufocado por todo tipo de violência
As esmolas ainda são negadas sob pretexto de consciência
e a dignidade implora o perdão pela ousadia de ter nascido
Conclama-se um “acreditar na caminhada”
sem emprego, sem terra, sem nada
como se fosse certo
e o pior: justo
assim ter sido.

Vagueio de um prédio comercial ao outro
buscando aliviar a minha própria dor
sinto-me pobre alma descartável
sofrendo de ódio e falando de amor.

Mais do que um ser habituado à falta
vejo-me maltratado, humilhado e devolvido
a esse perverso jogo sem sentido
desconcertado
com os meus próprios sentimentos
ao final de todos os dias
Minha oração é um lamento

dar graças ao breve fim
Minhas lágrimas tem sido
meu próprio salvamento
de não morrer mergulhado em mim,

Por vezes, sinto-me mais como alimento
diariamente consumido
tendo lapsos de existência
como indivíduo
integrado num projeto enlouquecido
de rompimento acelerado
com o próprio humano.

Sorrir ao cruzar uma face qualquer pelas ruas
apagada de esperança e sem muita alegria
é muito mais um pedido de socorro da minha alma
do que uma tentativa de comunicar falsa empatia.

Tenho experimentado o gosto sufocante
de insistir em negar a ausência
de resposta futura
pra toda essa violência disfarçada
que marca e fere a minha vida
que esgota o limite da dor que pode ser sentida
sem provocar o rompimento fatal
que me prende nessa experiência
de seguir o fluxo da norma
que é o curso normal do capital

O riso no lugar do grito

a decepção sem revolta
Para muitos a esperança já nasceu morta
e o excesso de normalidade suspeita desse cotidiano vem como aviso:
o mal se impõe para que seja tolerado
ainda que sem limites
mesmo que torne existir
esse pesado fardo.

Mas, um dia ~~haverá sangue nos jardins da burguesia~~
e tudo que sempre foi óbvio nesse mar de hipocrisia
não mais poderá ser descartado como real possibilidade
ou talvez seja apenas uma forma de não suportar a realidade
conjecturar uma vida que valha a pena ser vivida.

São centenas de manhãs sem o amanhecer
e os ouvidos ensurdecidos
com o tão temido grito produzido
por esse amargo silenciamento
Mas, não está acontecendo nada
E nada está acontecendo.

Sina

Tsssssssssss!
Bem! Bem!
Vida, Cancela
Olha o sinal do trem.

A vida começa
E o começo da vida
no sopro da alma
do Novo Ser
pra ele, ponto de partida
pra nós, nova esperança
choro de alegria
sede de viver

Tssssssssss!
Bem! Bem!
Vida, Cancela
Olha o sinal do trem!

A cancela da vida, aberta ao Novo Ser
Quais vagões ele carrega...
que caminhos ele trilha...
Ele acaso vai vencer?

Em seus trilhos, ferro gasto
No motor, potência forte
Ele partia em direção ao sul
e o vento da vida tocava:
Pro Norte!

O Novo Ser vai despertar!
a carga de esperança,
um brilho nos olhos...
a existência nova,
a firmeza no andar.

Mas ilusões o acertaram,
o futuro lhe trouxe feridas
pobre Novo Ser, alvejado
tão logo na primeira tentativa

quando o Novo Ser recomeçava,
sentia o medo lhe assombrar
A vida que levava era ingrata
perdido na trilha, deixou de sonhar.

Mais um dia, menos um dia
as vidas se repetem no novo Ser
que repete as vidas
e perde a alegria
recobra a esperança
e insiste em viver

Tsssssss!
Bem! Bem!
Vida, Cancela
Olha o sinal do Trem.

Acordo, ainda bem cedo
constato o cansaço no espelho
sombrios são os meus olhos negros
neles o grito contido do novo Ser.

Abaixada a cancela da vida
eu estava perdida, sem rumo, nem sina

em qualquer estação de trem
e o Novo Ser, sorrindo, me perdoava
e eu, chorando, o perdoava também.

Tssssssssss!
Bem! Bem!
Vida, Cancela
Olha *a sina* do trem...

Entrevista de Emprego

Você me questiona: que tenho eu a oferecer
Refliço
fraquejo,
não ousou dizer...
Te minto!
Não perco
a chance de me vender
Por pouco, que seja, não tenho o que escolher
eterno devedor nessa procura,
é certo que eu hoje não volto pra rua
sem a garantia de que irei comer

ensaio uma forma de lhe dizer a verdade
não sei se por medo ou pura vaidade
ponho-me a confessar o meu íntimo a você:

Tenho mil ideias, sonhos-desejos.
Tenho também os meus medos

que até gostaria poder superar.

Se quiseres saber mais,
tenho uma coleção de enredos,
fantasias, planos, segredos
personagens imaginários que planejo estrelar.

Mas se o que queres é apenas saber
se como balconista serei eu capaz de fazer
todo este trabalho que diante de mim é posto,
saiba que comigo a sorte não foi tão grande
e que embora o meu coração chore a cada instante
minha sobrevivência ainda conquisto, com gosto

a minha confissão pouco te importa, eu vejo
seus olhos me enxergam como máquina, entendo
e é somente assim que um posto é para mim reservado
Concordo com os termos, ponho fim nesse devaneio
não penso outra coisa que não o salário.

Pode ser que durante o tempo de vida
(que eu não estiver como seu balconista)
eu tenha uma outra espécie de alegria
e quem sabe seja tão penoso estar aqui
que nos dias em que me for dado existir
viver seja tão intenso, que até doa!

Por assim ser, ao contrato!
Tome vida, dê-me um prato
E dê-me apenas o prato de cada dia

Retenha, no mais, um pedaço de mim
e de ti dependerei do início ao fim
até que se encerre, sem importância, a minha agonia

Às águas

A dor encontra refúgio nas águas
Desconfio que há algo de molhado na dor
Por vezes, é encontro que acalma e reabastece
abafa os ruídos dos soluços desgovernados
que nascem dos corações partidos
Dos corações que se partem, as águas se ocupam
percorrem as linhas de sofrimento do corpo
que se atira sob a sua imensidão de conforto
Há algo de molhado na dor,
Há também algo de rígido endurecido nela,
que somente as águas podem levar
Com o corpo sob uma corrente d'agua
dou permissão para que uma casca,
velha e podre, que me cobre seja levada
Ouço o desfazer de uma antiga "essência" morta
que durante anos a minha mente chamou de "EU".

Curioso!

Assistir esse "eu" em pedaços,
sendo levado por um curso de água
Percebo que, para aquele conjunto de restos
já não há mais esperança
E, no ato de perceber tal acontecimento, surge um sorriso

Sorriso de algo que sabe que ficou aqui.

Os instantes passam

O encontro com as águas produz agora um novo ruído

Um estalar do toque em uma nova forma que pôde nascer

E é com ela que eu retorno para as novas experiências da vida.

As águas percorrem as linhas do meu corpo

Traços de gratidão se formam em mim

e a minha mente me pergunta: acaso isso é felicidade?

E eu lhe respondo que ela somente apreendeu a felicidade em conceitos

e o sentimento que me invade em cada ponto do corpo que é tocado

por uma molécula de água não cabe em conceitos limitados pela mente.